

## A JUVENILIZAÇÃO NA EJA: REPERCUSSÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

*JUVENILIZATION IN YOUTH AND ADULT EDUCATION: REPERCUSSION ON THE TEACHING-LEARNING PROCESS*

Nathália Leite de Sousa Soares<sup>1</sup>

Karla Araújo Pinheiro<sup>2</sup>

### RESUMO

A presente pesquisa buscou refletir sobre as motivações que induzem os jovens a cursar EJA e como esse fato da juvenilização repercute no próprio processo de ensino-aprendizagem dos mesmos, haja vista que a heterogeneidade de idade constitui-se como um desafio para o professor em sala de aula nessa modalidade de ensino. O estudo de caráter quanti-qualitativo contou com a participação de 48 sujeitos oriundos de três locais de ensino em João Pessoa-PB. O instrumento de coleta de dados foi um questionário contendo 7 questões de caráter objetivo/subjetivo e cada questão, por sua vez, correspondia a um tópico analítico importante: motivação, reprovação, desistência, apreciação, repulsa, dificuldade e expectativa. A análise dos questionários em consonância com a literatura apontaram para o principal fator de indução de jovens para a condição de EJA: a Exclusão Social. A parceria entre o fazer docente e o fazer estatal deve visar um único propósito: combater o Fracasso Escolar.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos; Juvenilização; Ensino-aprendizagem.

### ABSTRACT

The present research sought to reflect on the motivations that induce young people to attend Youth and Adult Education (YAE) and how this fact of juvenilization has repercussions on their own teaching-learning process, given that the heterogeneity of age constitutes a challenge for the teacher in the classroom in this teaching modality. The study is quantitative-qualitative and counted on the participation of 48 subjects from three schools in João Pessoa-PB. The instrument for data collection was a questionnaire containing 7 objective/subjective questions and each question, in turn, corresponded to an important analytical topic: motivation, failure, dropout, appreciation, repulsion, difficulty, and expectation. The analysis of the questionnaires in line with the literature pointed to the main factor of induction of young people to the YAE condition: Social Exclusion. Teacher and government actions should aim at a single purpose: to prevent School Failure.

**Keywords:** Youth and Adult Education; Juvenilization; Teaching-Learning.

1 Nathália Leite de Sousa Soares - Mestranda em Linguística pela UFPB - E-mail: nathalia.leite@academico.ufpb.br

2 Karla Araújo Pinheiro - Mestranda em Linguística pela UFPB - E-mail: karlaapinheiro@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Desde o seu surgimento, a trajetória da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil foi marcada por diversos desafios, haja vista que em decorrência de uma série de preconceitos, essa parcela da população foi desconsiderada durante muito tempo das políticas socioeducacionais. O motivo principal que fez o nosso governo voltar os olhares para esse público em específico foi a problemática do analfabetismo: o crescente contingente de analfabetos simbolizava atraso econômico e industrial para o país e, diante disso, era necessário a implementação de estratégias práticas para contornar a situação. Segundo Silva (2017), embora a problemática fosse antiga, somente em 1996 é que ocorreu a integração da EJA na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9.394/96: uma ação importante e decisiva que possibilitou a veiculação de uma série de declarações, tratados e pareceres favoráveis a normatização e descrição das funções dessa nova modalidade de ensino que despontava num contexto social de busca por equidade e inclusão.

Paiva (1983, p.19) concebe os sujeitos da EJA como aqueles que, diante das adversidades da vida, tiveram que priorizar muito precocemente o trabalho e/ou o lar e terminaram deixando de lado a formação escolar: homens e mulheres que são “marginalizados nas esferas socioeconômicas e educacionais, privados do acesso à cultura letrada e aos bens culturais e sociais” e que, por conseguinte, não desenvolvem uma participação mais ativa e expressiva no mundo do trabalho, da política e da cultura. Além de compreender a perspectiva histórica da EJA e traçar um perfil para os sujeitos que compõem essa modalidade de ensino, é necessário ir além: analisar uma gama de fatores atrelados ao universo da EJA numa perspectiva multidimensional e holística. Dentre os vários aspectos que precisam de maior foco de estudos, destaca-se o fenômeno da juvenilização na EJA, pois o jovem da EJA é reflexo do fracasso escolar iniciado na infância e, como declara Furtado (2015), esse fato repercute ao longo de toda vida escolar do educando como resultado de situações específicas: a reprovação/repetência, a expulsão e a indisciplina no âmbito escolar. Nesse sentido, a presente pesquisa buscou refletir sobre as causas (motivações) que induzem os jovens a cursar EJA e como esse fato da juvenilização repercute no próprio processo de ensino- aprendizagem dos mesmos, haja vista que a heterogenia (de faixa etária, de identidade, da relação poder-saber, dentre outros aspectos) constitui-se, na maioria das vezes, como um verdadeiro desafio para o professor em sala de aula nessa modalidade de ensino.

Partindo disto, realizou-se um estudo de campo, de caráter quanti-qualitativo que contou com a participação de 48 sujeitos oriundos de três locais de ensino no município de João Pessoa-PB. Por meio de um questionário que contemplava 7 questões de caráter objetivo/subjetivo, os participantes discorreram acerca de tópicos importantes que pudessem dar maiores indícios acerca do fenômeno da juvenilização na EJA: motivações, reprovações, desistências, apreciações, repulsas, dificuldades e expectativas mencionadas pelos alunos contribuíram para a construção de um panorama que permitiu encarar a problemática de forma mais holística e constatar que a sala de aula é o principal palco no qual as mudanças significativas acontecem.

Sendo assim, a análise dos questionários em consonância com a literatura apontaram para o principal fator de indução de jovens para a condição de EJA: a Exclusão Social. A parceria entre um fazer docente (pautado em constante ressignificação das próprias práticas didático-pedagógicas) e um fazer estatal (pautado em ações políticas efetivas) deve visar um único propósito: impedir o reforço do Fracasso Escolar. Tais estratégias, se implementadas de forma efetiva, simbolizam o primeiro passo para que os alunos sintam-se mais motivados e tornem-se, de fato, atores sociais expressamente ativos nas mais diversas esferas de atuação social.

## METODOLOGIA

O presente trabalho é um estudo de campo, de caráter quanti-qualitativo que contou com a participação de 48 sujeitos de pesquisa oriundos de três locais de ensino diferentes no município de João Pessoa-PB, a saber: o Núcleo de Educação de Jovens e Adultos para o Ensino Médio coordenado pelo Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (NEJAEM/CE/UFPB) situado no Campus I/Loteamento Cidade Universitária, a Escola Cidadã Integral Estadual de Ensino Fundamental e Médio Papa Paulo VI (ECIT Papa Paulo VI) situado no bairro Cruz das Armas e a Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Miguelinho (EEEF Padre Miguelinho) no bairro Cristo Redentor.

O instrumento de coleta de dados consistiu num questionário destinado aos alunos que contemplava 7 questões. Cada questão correspondia a um tópico relevante para o estudo e o entedimento dos aspectos atrelados à Educação de Jovens e Adultos:

**1. Por que você está estudando na Educação de Jovens e Adultos?** (para sondar as motivações para cursar EJA); **2. Você já foi reprovado alguma vez?** (para sondar o fator reprovação e se isto repercute na juvenilização na EJA); **3. Você já quis desistir de estudar? Justifique** (para sondar o fator desistência e se isto repercute na juvenilização na EJA); **4. O que Você mais gosta na escola?** (para sondar se há a apreciação, por parte dos alunos, na vivência escolar); **5. O que Você menos gosta na escola?** (para sondar se há repulsa, por parte dos alunos, na vivência escolar); **6. Você possui alguma dificuldade na escola? Explique** (para sondar as dificuldades dos alunos em relação à escola e como esse fato poderia repercutir para a juvenilização na EJA) e, por fim, **7. O que você espera da escola?** (para sondar as expectativas dos alunos acerca da dinâmica cotidiana da escola).

No que tange aos procedimentos metodológicos, o percurso em si englobou as seguintes etapas estruturantes: a explanação da proposta de pesquisa aos estudantes, a aplicação do questionário e, por fim, o tratamento e análise dos dados colhidos por meio do questionário. Na primeira etapa, as pesquisadoras se deslocavam para as escolas anteriormente mencionadas e, ao entrar nas turmas de EJA, explanavam aos alunos a proposta da pesquisa e abordavam, essencialmente, na exposição: o objetivo do estudo, a participação de caráter voluntário e não-remunerado dos estudantes e a garantia do sigilo das informações de identificação específica dos mesmos. Na segunda etapa, os alunos concordantes em participar voluntariamente da pesquisa, respondiam às perguntas do questionário e devolviam o material para as pesquisadoras responsáveis. Essa aplicação acontecia em momentos específicos das aulas, mas com acordo prévio entre as pesquisadoras e os professores das respectivas turmas. Na terceira etapa, após a coleta, os dados eram agrupados e tratados no programa de *Software Excel 2016* para o estabelecimento das análises estatísticas e, por conseguinte, a construção dos gráficos.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A compreensão dos desdobramentos atuais da EJA só é possível através do debruçar-se sobre o percurso histórico dessa modalidade de ensino no nosso país: é uma tarefa complexa que requer a consideração de múltiplos aspectos, tais como os de caráter orgânico, cognitivo, afetivo, pedagógico, político, socioeconômico e cultural. Conforme Almeida e Corso (2015), “a Educação de Jovens e Adultos tem uma trajetória histórica de ações descontínuas, marcada por uma diversidade de programas, muitas

vezes não caracterizada como escolarização”: Miranda, Souza e Pereira (2016) explanam essa questão ao afirmar que o ensino inicialmente comandado pelos jesuítas e destinado para a catequização de jovens e adultos indígenas na época da colonização, entrou em falência com a elitização da educação decorrente, dentre outros fatores, da chegada da família real portuguesa e, desse modo, gerou uma lacuna para a educação de jovens e adultos que só começou a ser remediada em 1934 com a criação governamental do Plano Nacional de Educação, uma garantia de ensino primário gratuito extensivo para adultos.

“O histórico da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no país a partir da década de 1940, elaborado por meio de uma vasta literatura que trata sobre este tema, registra um longo percurso de ausências de políticas públicas e de fracasso na promoção da escolarização da população” (Almeida e Corso, 2015, p. 1286). Ações como a criação do Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP), do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) e a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) consolidaram a educação de jovens e adultos numa perspectiva nacional, mas embora representasse algum avanço para esse público em específico, havia preconceitos explícitos: para o governo e a sociedade em geral, o analfabeto era tido como um ignorante por causa da pobreza, da falta de higiene e da escassa produção econômica, então, como solução imediata no tocante para a geração de renda ao país, não seria necessário um profissional da educação capacitado que os educassem: por se tratar de um processo mais fácil, rápido e simples, logo, “qualquer pessoa poderia desempenhar essa função”.

Em termos de atualidade, Vieira (2004) pontua alguns marcos na Educação de Jovens e Adultos, a saber: (i) Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) – realizada entre 1952 e 1956, destinava suas ações para o desenvolvimento das comunidades do meio rural; (ii) Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA) – realizado em meados da década de 50, fomentou as discussões acerca da educação de adultos; (iii) Segundo Congresso Nacional de Educação de Adultos – realizado em 1958, foi um evento que destinava-se a analisar as ações implementadas para a educação e foi nesse cenário que surgiu Paulo Freire com sua defesa a Educação Popular e a discussão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que culminou, em 1962, na elaboração do Plano Nacional de Educação; (iv) Repressão a todos os movimentos de alfabetização que fortaleciam a ideia de uma cultura popular, em decorrência do golpe militar em 1964; (v) Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e a implantação do Ensino Supletivo – fatos que marcaram a década de 70 em que o primeiro surgiu como uma meta de erradicação do analfabetismo num intervalo de apenas 10 anos e o segundo como maneira de beneficiar os jovens e adultos que, por algum motivo, não acompanharam a modalidade regular de ensino; (vi) Fundação EDUCAR e a Constituição de 1988 – a década de 80 foi marcada por importantes avanços: fatos que garantiram a ampliação efetiva das atividades da EJA;

(vii) Extinção da Fundação EDUCAR – no início do governo Collor em 1990; (viii) Programa Brasil Alfabetizado e Ações de continuidade da EJA – lançado em 2003 pelo Ministério da Educação (MEC), visava essencialmente tanto a alfabetização de jovens e adultos quanto a formação de novos alfabetizadores.

Outros fatos importantes que marcaram a EJA no decorrer dos anos 2000 foram (<http://oemeja.blogspot.com/p/linha-do-tempo.html>, recuperado em 7, outubro, 2021): (a) Parecer CNE/CEB 11/200 – emitido durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, passou a ser considerado um documento normativo importante para a EJA ao propor uma educação de ordem reparadora, equalizadora e qualificadora; (b) Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) – em 2003, o MEC reassume sua responsabilidade no que tange à sua atuação na EJA, cobrando e auxiliando de cada governo local soluções para as demandas educacionais específicas; (c) Programa Brasil Alfabetizado – programa também criado em 2003 com o intuito de promover a alfabetização de jovens, adultos e idosos; (d) Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM) – criado em 2005 com o objetivo de

promover tanto a reintegração no processo educacional quanto a qualificação profissional de jovens maiores de 18 anos (Lei nº 11.129, de 30 de junho de 2005); (e) Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica (PROEJA) – criado em 2006, é um programa incluso na modalidade da Educação de Jovens e Adultos com o intuito de oferecer a oportunidade de conclusão da educação básica, juntamente com a formação profissional à todos que não cursaram o ensino médio em idade regular; (f) Programa Gestão de Aprendizagem Escolar (GESTAR) – em vigor entre 2008 e 2011, correspondia a um programa criado pelo MEC visando a formação de professores de Língua Portuguesa e de Matemática para fortalecer o ensino e a aprendizagem dessas disciplinas no ensino fundamental; (g) Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) – instrumento de financiamento da educação pública, no âmbito estadual, que acumula recursos provenientes dos Estados, Distrito Federal e Municípios e, a partir de 2010, as despesas para a EJA passaram a compor 15%, o que antes não chegava nem a 10%; (h) Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego integrada a Educação de Jovens e Adultos (PRONATEC EJA) – programa destinado a jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à educação em idade apropriada para a modalidade regular de ensino e possibilitar a retomada dos estudos e aquisição de uma profissão através de cursos de caráter técnico e profissionalizante. Além disso, vale ressaltar também o Programa Nacional do Livro Didático - PNLD (2012), o Programa Nacional de Educação do Campo - PRONACAMPO (2013), o Programa Paulo Freire: Pernambuco Escolarizado (2013/2014), a Declaração de Incheon - UNESCO (2015): todos movimentos de garantia para que todos, sem qualquer distinção, tivessem acesso à educação.

Carvalho (2009) aponta que, no decorrer da história, a EJA tem sofrido um processo de renovação na faixa etária e tal fato passou a ser expresso, de maneira mais significativa, a partir da década de 1990 em decorrência da dinâmica escolar brasileira e das pressões advindas do mercado de trabalho. “Muitos fatores vêm contribuindo para que esse fenômeno de juvenilização venha a se tornar uma categoria permanente na EJA. As deficiências do sistema de ensino regular público, como a evasão, repetência, que ocasionam a defasagem entre a idade/série, a possibilidade de aceleração de estudos (como o fato de concluir em menor tempo o Ensino Fundamental e Médio) e a necessidade do emprego, contribuem para a migração dos jovens à EJA (Carvalho, 2009, p.7804)”.

O contínuo rejuvenescimento dos alunos na EJA tem chamado a atenção dos estudiosos que se debruçam sobre essa modalidade de ensino e buscam entender as motivações por trás desse fenômeno educacional. É de conhecimento geral que “estes jovens não realizaram seus estudos na idade apropriada e que muitos sofreram processos de exclusão da escola regular” (<http://www.acervo.paulofreire.org/handle/7891/4143>, recuperado em 7, outubro, 2021), porém, existe toda uma multiplicidade de fatores para esses jovens que, excluídos do ensino regular, procurem a EJA: o sonho de conseguir um bom emprego e, para isso, possuírem a capacitação necessária para o mercado de trabalho. “Para esse contingente de jovens, a busca pela elevação da escolaridade está articulada ao mercado de trabalho, cujas expectativas estão direcionadas às novas exigências do mundo moderno, à ascensão e à mobilidade social. Estes fatos têm provocado demandas de novas formas de atuação metodológica e de conteúdos, com base em necessidades formativas desses alunos” (Carvalho, 2009, p.7805).

A juventude, enquanto categoria analítica, requer uma atenção cuidadosa a fim de evitar generalizações preconceituosas. A definição de *jovem* passou por uma série de estigmas no transcurso da história: “uma geração transviada nos anos 50; um problema social nos anos 60; um problema de integração ao mercado de trabalho nos 70. Estacaracterísticas de determinados segmentos de grupos juvenis foram sedimentados à juventude perseguindo a identidade juvenil até nossos dias” (<http://www.acervo.paulofreire.org/handle/7891/4143>, recuperado em 7, outubro, 2021).

No entedimento de Pais (2003, p.37), “[...] a juventude é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo”. Os jovens da EJA que não tiveram acesso à educação em tempo oportuno, embora possuam suas particularidades identitárias e de representação, tendem a ser tratados como adultos na sala de aula e fora dela: uma problemática que abre espaço

para tantas outras problemáticas.

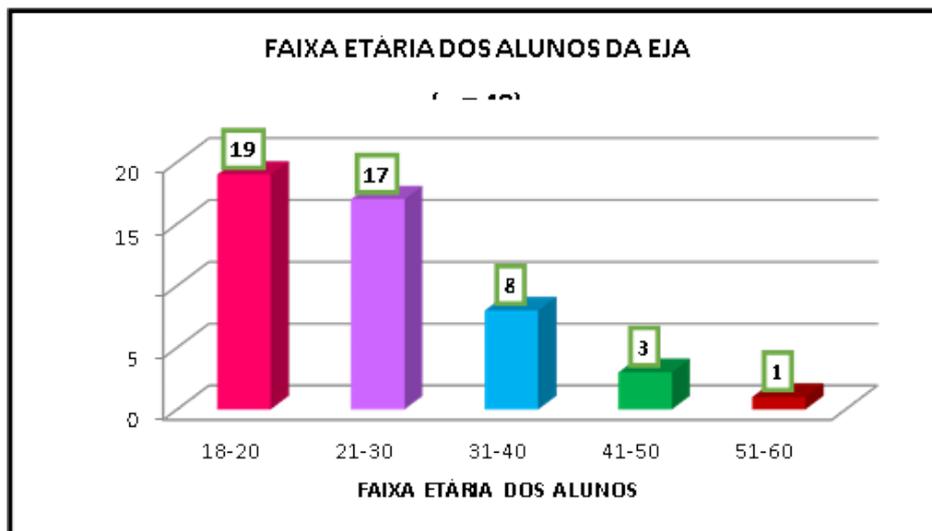
## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

A amostra analítica colhida para fins desse estudo compilou, em forma de gráficos, as respostas dos 48 participantes com o intuito de refletir sobre a juvenilização na EJA e, dessa maneira, possibilitar a identificação dos possíveis fatores diretamente associados a este fenômeno cada vez mais frequente no cenário atual da educação brasileira. Logo no início das averiguações estatísticas de cunho descritivo, o primeiro aspecto que mais chamou a atenção foi o fato de que a maior parte dos alunos participantes da presente pesquisa eram jovens (cf. gráfico 1) na faixa etária entre *18 e 30 anos* (36 participantes), cujo pico de índice etário concentrou-se no intervalo entre *18 e 20 anos* (19 participantes). A análise estatística evidenciou que a média aritmética ponderada ( $X_p$ ) concentrou os dados em torno de 26,47 anos e o desvio padrão ( $\sigma$ ), por sua vez, corresponde a uma dispersão em torno de 18,36 anos.

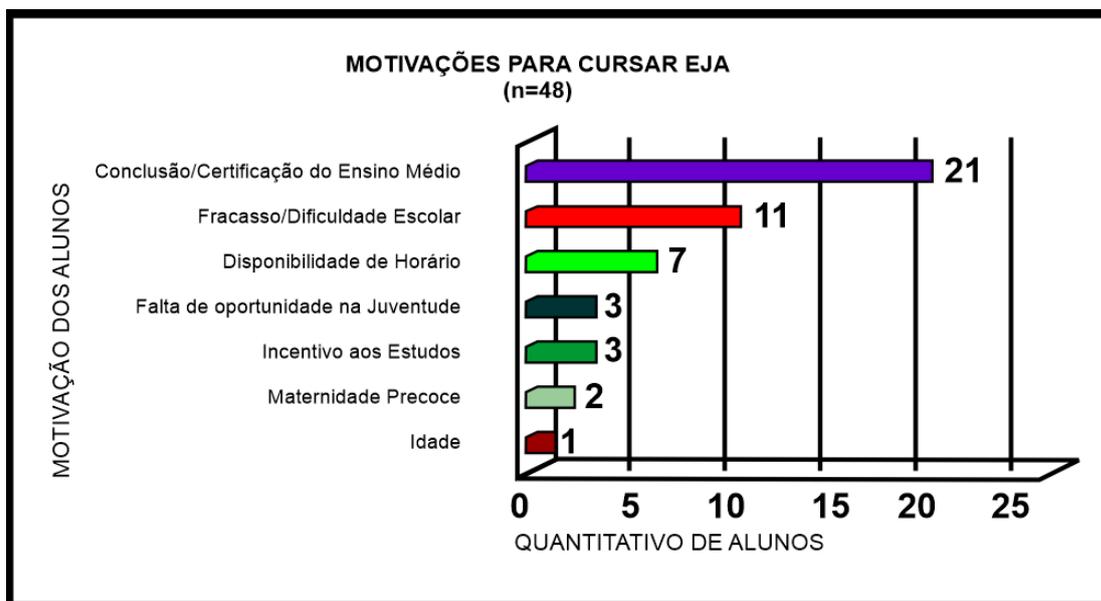
Vale salientar que as perguntas eram de cunho objetivo/subjetivo e que, mediante as respostas obtidas, foram elaboradas categorias descritivas para possibilitar uma melhor visualização estatística no formato de gráficos e, conseqüentemente, uma compreensão mais holística das questões apresentadas aos alunos com vistas ao objetivo primordial da presente pesquisa: identificar e entender os possíveis fatores associados ao fenômeno da juvenilização na EJA. Para ilustrar melhor a percepção dos estudantes mediante a cada questão, os posicionamentos dos alunos serão mencionados conforme os resultados forem sendo apresentados e discutidos a seguir.

A primeira questão **“Por que você está estudando na Educação de Jovens e Adultos?”** diz respeito, na realidade, às motivações para cursar EJA (cf. gráfico 2). Os aspectos mais preponderantes apontados pelos alunos e que podem ser ilustrados pelas declarações dos próprios participantes englobam, em ordem decrescente: (i) a **Conclusão/Certificação do Ensino Médio** (21 participantes) – *“Para terminar o Ensino Médio e poder me encaminhar para o mercado de trabalho”, “Para concluir o Ensino Médio e fazer um curso superior”*; (ii) **Fracasso/Dificuldade Escolar** (11 participantes) – *“Porque estou atrasada nos estudos e o EJA é bom para quem está atrasado”, “Eu tenho dificuldade nas atividades e no EJA é melhor”, “Porque já fui reprovada e precisei terminar os meus estudos no jovens e adultos”, “Reprovei muito”*; (iii) **Disponibilidade de Horário** (7 participantes) – *“Porque só posso estudar à noite por conta do trabalho”, “(Porque) só tem EJA nesse horário (à noite), “Pelo horário e pra facilitar na hora do emprego”*; (iv) **Falta de Oportunidade na Juventude** (3 participantes) – *“Para terminar meus estudos, pois não tive oportunidade antes”, “Sempre amei estudar, mas não pude estudar quando era mais novo”, “Não tinha tempo de estudar (na escola normal) porque trabalhava no comércio”, “(Porque) não tive tempo antes. Precisei trabalhar para ajudar a minha família”*; (v) **Incentivo aos Estudos** (3 participantes) – *“Pra pegar o gosto pelos estudos”, “Porque o conhecimento não tem prazo de validade”*; (vi) **Maternidade Precoce** (2 participantes) – *“Porque engravidei muito nova e quero muito terminar meus estudos”* e, por fim, (vii) **Idade** (1 participante) – *“Por causa da idade”*.

Gráfico 1 - Quantitativo de alunos da EJA por faixa etária



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

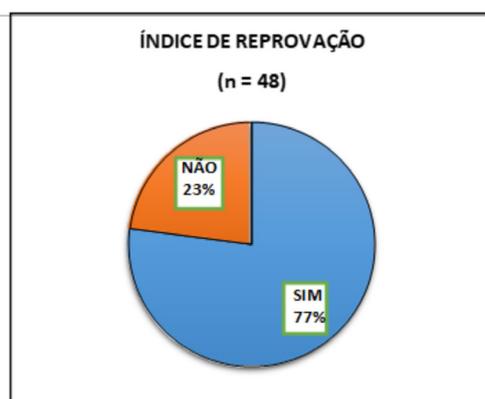
É perceptível por meio dos dados colhidos que há uma correlação entre faixa etária e certos aspectos como o atraso/fracasso escolar que repercutem na juvenilização na EJA. Furtado (2015) aponta que a „Origem Social“ e a „Educação Bancária“ são fatores preponderantes para o „Fracasso Escolar“, haja vista que “a evasão e a reprovação crescem porque o que a escola propõe não faz sentido para a vida das pessoas” (p.129). Nesse contexto, o „Atraso Escolar“ gera um grande conflito na EJA: a **Distorção Idade-Ano**. A mistura de educandos, com idades totalmente díspares, coloca frente a frente

jovens e adultos que, em seus universos particulares, não conseguem (muitas vezes) conviver bem e menos ainda encontrar um ponto de consenso.

A segunda questão **“Você já foi reprovado alguma vez?”** tinha a finalidade de sondar o índice de reprovação relatado pelos participantes da pesquisa. No gráfico 3, por meio das respostas colhidas, constatou-se que 77% dos participantes (o equivalente a 37 alunos) declararam que haviam sido reprovados nos anteriores na modalidade regular de ensino, em contrapartida com 23% (o equivalente a 11 estudantes) que declararam nunca terem sofrido reprovação nos anos escolares anteriores. O mais interessante ao analisar as respostas dos estudantes que declararam ter sido reprovados na escola foram as justificativas apontadas por eles mesmos, tais como: *“Sim, quando tive depressão”, “Sim, por más influências, deixei os estudos de lado”, “Sim, Por bagunça, sem interesse em estudar”, “Sim, por causa do trabalho”, “Sim, por causa de problemas de saúde”*. Percebe-se que, exceto as causas oriundas de imprevistos pessoais como viagens, os fatores mais culminantes para a reprovação escolar são, principalmente, os de cunho emocional, social, trabalhista e de saúde. A falta de interesse em estudar e ir à escola permeou a maior parte das respostas e esse desinteresse sugere a ausência da sensação de pertencimento na turma e, conseqüentemente, nas escolas em que esses alunos estavam inseridos: por não se enxergarem como integrantes efetivos da comunidade escolar, eles reagiam com bagunça, desobediência e, no nível mais grave, com a desistência e a evasão escolar.

A terceira questão **“Você já quis desistir de estudar? Justifique”** buscava sondar o fator desistência com vistas a estabelecer um diálogo com a questão anterior sobre reprovação escolar e, dessa maneira, lançar as bases para compreender como tais aspectos culminam na juvenilização na EJA. No gráfico 4 constatou-se que praticamente metade dos participantes deste estudo (o percentual de 52% equivalente a 25 estudantes) declararam a vontade de desistir dos estudos escolares. Essa disputa estatisticamente acirrada é permeada por declarações instigantes: para o „sim“ – *“Sim, quando reprovei a primeira vez, tive desgosto”, “Sim. É muito cansativo por conta do emprego”, “Sim. Por motivos financeiros e de saúde”, “Sim, por besteira (primeiro namorado)”, “Sim, logo quando me mudei para cá (João Pessoa – PB), porque me senti desmotivada”, “Sim, porque não gostava de estudar”*; para o „não“ – *“Não. Almejo algo grande para o futuro”, “Não, porque quero concluir os estudos”, “Não, jamais quis desistir. (Só desisti) porque realmente não dava”, “Não, porque estudando já é difícil, imagina se você não tem estudo”, “Não. Preciso do certificado e gosto de estudar na EJA porque é diferente da escola normal”*. As justificativas favoráveis à desistência escolar vai em direção às declarações apontadas pelos alunos na questão anterior, haja vista que os fatores socioeconômicos e as relações interpessoais influenciam diretamente na insatisfação no ambiente escolar. Em contrapartida, embora grande parte dos alunos sejam também trabalhadores e enfrentarem uma série de dificuldades, muitos deles sonham com um futuro promissor e reconhecem que o caminho para se alcançar tal futuro é por meio da educação.

**Gráfico 3** - Percentual dos alunos que declararam ter sido reprovados



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

**Gráfico 4** - Percentual de alunos que expressaram a vontade de desistir dos estudos

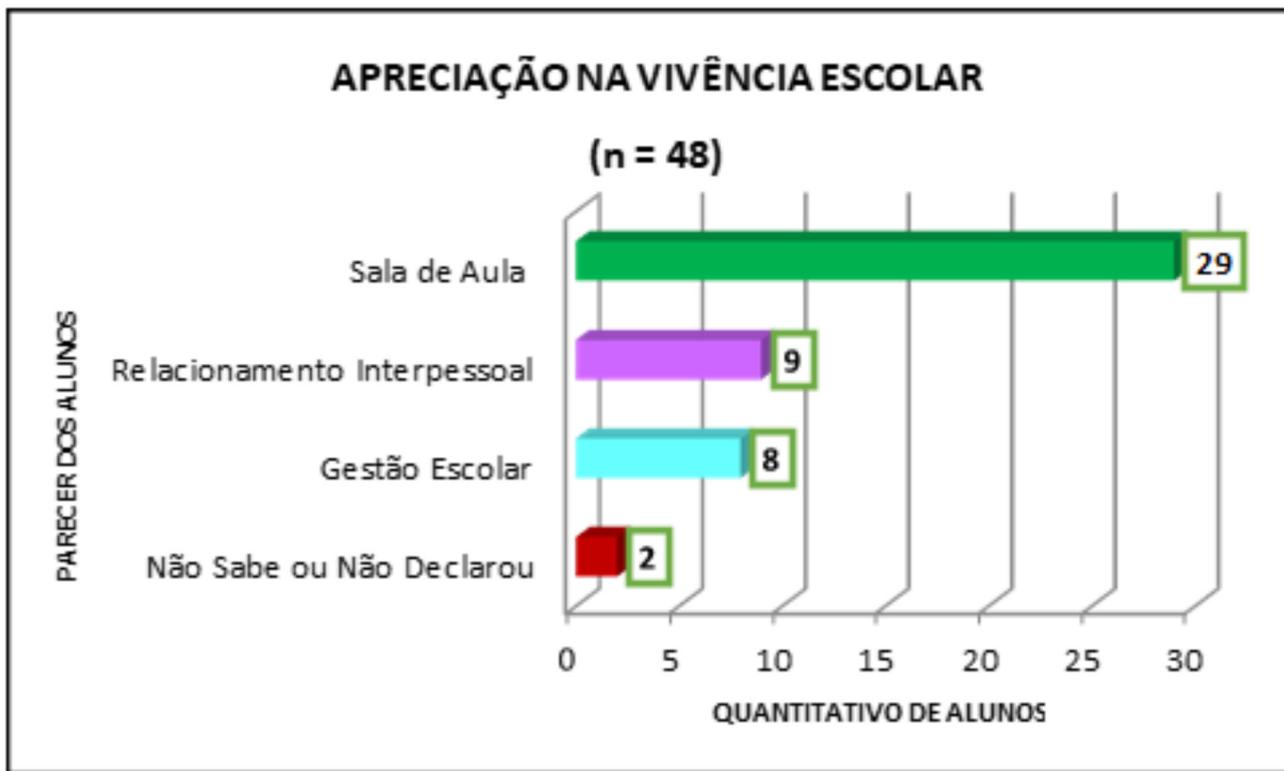


Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

No tocante ao fator desistência, a pesquisadora Furtado (2015) no seu texto *Em busca do jovem da EJA: da sala de aula aos corredores da escola... Quem são eles?* aponta alguns motivos promotores que induzem tantos estudantes a não quererem permanecer em sala de aula, dentre os quais enfatiza três, a saber: as „deficiências na relação com a escola“, a „distorção idade-série por reprovação“ e a „repetência/atraso escolar“. A evasão escolar (seja por expulsão, seja por proibição), no entendimento de Paulo Freire, cria uma situação que desestimula e, ao mesmo tempo, obriga o educando a estar na EJA por causa da idade.

A quarta questão “**O que Você mais gosta na escola?**” tinha como finalidade sondar se havia, por parte dos alunos, a apreciação na vivência escolar (cf. gráfico 5). Diante de um enorme parecer dos participantes acerca da questão apresentada aos mesmos, as respostas obtidas foram compiladas em três grandes pilares, a saber: **Sala de Aula**, Relacionamento Interpessoal e Gestão Escolar. Cada pilar, por sua vez, constitui em si uma série subpilares ou subtópicos. O primeiro e mais preponderante pilar é o da Sala de Aula que contou com as declarações de 29 estudantes as quais foram distribuídas em cinco subtópicos, em ordem decrescente: (i) **Conhecimento** (10 participantes) – “*Do conhecimento de novos assuntos*”; (ii) **Professores** (8 participantes) – “*Em geral, gosto dos professores porque são ótimos*”; (iii) **Aulas** (8 participantes) – “*Das aulas. É bom: nota 10*”; (iv) **Aprendizagem** (2 participantes) – “*Dos assuntos, pois gosto de aprender*” e, por fim, (v) **Leitura** (1 participante) – “*Da leitura*”. Na sequência, o segundo pilar mais preponderante é o de **Relacionamento Interpessoal** que contou com a colaboração de 9 participantes cujas declarações foram tecidas de maneira interessante, pois demonstram a importância da sensação de pertencimento e da necessidade do fortalecimento de vínculos afetivos no ambiente escolar: “*(Gosto) da comunicação entre professores e alunos*”, “*Dos trabalhos em equipe*”, “*Dos meus colegas na escola e dos professores*”, “*De fazer novas amizades, conversar e aprender*”. O terceiro e último pilar mais preponderante é o da **Gestão Escolar** que contou com a cooperação de 8 participantes cujas declarações foram reunidas em quatro subtópicos, a saber: (i) **Atividade Física** (3 participantes) – “*(Gosto) da hora da Educação Física no ginásio*”; (ii) **Lanche** (2 participantes) – “*(Gosto) do lanche*”; (iii) **Infraestrutura** (2 participantes) – “*(Gosto) da estrutura da escola... é muito boa*”; (iv) **Quantidade de Alunos por Sala** (1 participante) – “*Aqui na EJA tem poucos alunos na sala e não tem bagunça, dá pra entender os assuntos*”. E, para fechar a análise dessa respectiva questão, 2 participantes declararam “*não sei*”: não souberam mencionar qualquer aspecto que os fizessem apreciar na escola.

Gráfico 5 - Parecer dos alunos sobre os fatores de apreciação na vivência escolar

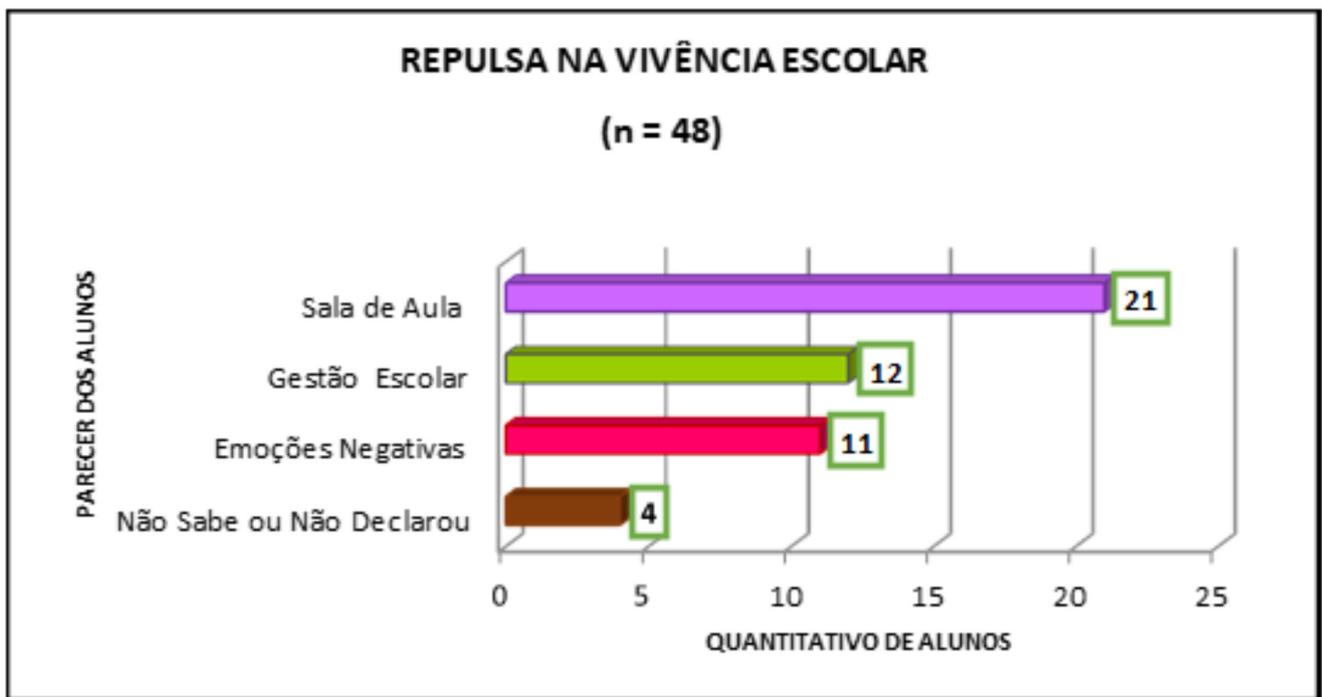


Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

A quinta questão “O que Você menos gosta na escola?” foi elaborada com o objetivo de sondar se há repulsa na vivência escolar por parte dos alunos e se sim, quais as causas apontadas para essa aversão (cf. gráfico 6). Os participantes se posicionaram e apresentaram, no parecer deles, os fatores mais significativos para a sensação de desagrado no cotidiano da escola. Tais fatores foram agrupados em três tópicos principais e estes, por sua vez, englobam em si vários subtópicos. O primeiro e mais significativo é o da **Sala de Aula** que contou com a colaboração de 21 participantes e cujos subtópicos principais são: (i) Dinâmica da Aula (10 participantes) – neste subtópico, as justificativas de aversão foram certas disciplinas/conteúdos (4 participantes declararam a repulsa para a Física, Matemática e Redação: “*detesto aula de Física*”), o atraso para o início da aula (1 participante declarou: “*não gosto da demora dos professores*”), a didática deficitária (2 participantes declaram não gostar da metodologia de ensino do professor e um deles declarou: “*Não gosto quando a aula é só falando o tempo todo, dá sono*”), a aula vaga (2 participantes mencionaram não gostarem de ficar sem aula: “*não gosto de aula vaga*”) e, por fim, a desorganização (1 participante declarou não haver uma boa gestão do tempo para as atividades: “*não gosto da falta de tempo para pesquisar*”); (ii) Mau Comportamento (11 participantes) – neste subtópico, as justificativas dos alunos para a repulsa giraram em torno, basicamente, da bagunça/ barulho (7 participantes declaram sua aversão neste aspecto e um deles declarou: “*Odeio o barulho que fazem na sala, às vezes dá vontade de ir embora*”), das conversas paralelas e das brincadeiras sem

sentido (2 participantes não suportam esse comportamento e um deles declarou: “*Não gosto quando complicam na hora de estudar... conversas, brincadeiras ou coisas do tipo atrapalham muito*”), dos insultos (1 participante declarou: “*Não gosto dos palavrões no corredor*”), do tabagismo (1 participante declarou: “*O cigarro me incomoda*”). O segundo tópico mais significativo é o da **Gestão Escolar** que contou com a cooperação de 12 participantes que justificaram o desgosto no que se refere ao Horário/ Turno (7 participantes manifestaram sua insatisfação e um deles declarou: “*Não gosto do horário da noite e só tem EJA de noite, queria muito estudar de manhã*”), da Insegurança (3 participantes declararam que o “**local (da escola) é esquisito**” e que há “*falta de policiamento*”), dos recursos precários (2 participantes declaram que “*era para ter melhorias, tipo internet e tablet para todos*” e que até “*os bebedores*” são péssimos). O terceiro tópico mais mencionado diz respeito às **Emoções Negativas** que contou com a colaboração de 9 participantes que mencionaram a dificuldade que sentem em lidar com certas emoções negativas que são afloradas no ambiente escolar, a saber: a Raiva (3 participantes) – os alunos declararam sentir raiva ao presenciar situações como “*desrespeito com os professores*” e diante de certos “*colegas que só atrapalham a aula*”), seguida da Preguiça (“*Não gosto de sentir preguiça na aula*”), da Frustração (“*Não me sinto bem quando tiro nota baixa*”) e da Indignação (como é possível que os “*Professores não se importem com os alunos*”) no qual cada categoria conta com 1 participante. Para concluir a análise dessa questão, 7 participantes declaram não saber o que mencionar sobre o que causa aversão neles acerca da vivência escolar.

Gráfico 6 – Parecer dos alunos sobre os fatores de repulsa na vivência escolar

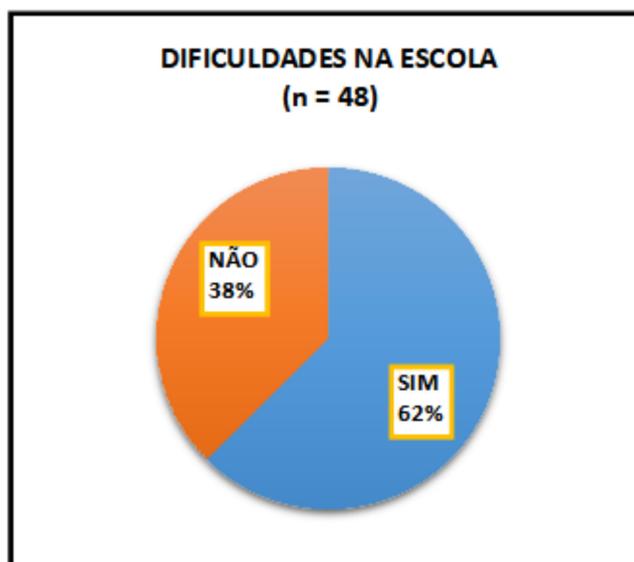


Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

A sexta questão “**Você possui alguma dificuldade na escola? Explique**” foi formulada com o intuito de sondar as dificuldades dos alunos em relação à escola e como esse fato poderia repercutir para a juvenalização na EJA. O gráfico 7 demonstra, em termos percentuais, os alunos que declararam ter (ou não) algum tipo de dificuldade em relação à escola. Aos alunos que declararam *sim* (62%

correspondente a 30 participantes), os aspectos alegados giraram em torno de, basicamente, três eixos: Sala de Aula, Emoções e Segurança Pública. No que tange às dificuldades em **Sala de Aula**, as declarações dos alunos foram: (i) Disciplinas/Conteúdos (13 participantes) – “*Sim, Matemática e Português. Por mais que tentem me explicar posso aprender na hora, mas depois esqueço*”, “*Sim, Redação e Matemática. Não me saio bem nessas matérias*”; (ii) Dificuldade de Aprendizagem (3 participantes) – “*Sim, às vezes tenho dificuldade de aprender porque o tempo é corrido*”; (iii) Dificuldade na Escrita (2 participantes) – “*Sim. Escrevo devagar*”; (iv) Sobrecarga de Atividades (2 participantes) – “*Sim. Alguns professores passam muitos trabalhos*”; (v) Tédio da Aula Vaga (1 participante) – “*Sim, a dificuldade é quando o professor falta a primeira aula, a gente tem que ficar esperando até o outro professor chegar e ficar na escola sem fazer nada, dá vontade de ir pra casa*”; (vi) Barulho (1 participante) – “*Sim, quando os jovens conversam e fazem barulho*”; (vii) Repetições Enfadonhas (1 participante) – “*Sim, Tenho facilidade em aprender as coisas, mas as repetições cansam*”; (viii) Horário de Chegada (1 participante) – “*Sim. (Tenho dificuldade em) chegar cedo (na escola)*”. No que diz respeito às **Emoções** (2 participantes), os alunos declaram ter muita dificuldade em lidar com o cansaço (“*Sim, às vezes quando chego muito cansado do trabalho*”) e com a preguiça (“*Sim, a preguiça me atrapalha*”). E, por fim, no que se refere à Segurança Pública (4 participantes), os alunos declararam a existência do perigo no retorno para casa após a conclusão das aulas a cada dia (“*Sim. O perigo da volta pra casa*”), pois segundo eles, não existe policiamento nos bairros das escolas (“*Sim. A segurança do bairro*”). Aos alunos que declaram não (38% equivalente a 18 participantes), alguns aspectos foram mencionados, tais como: atenção (“*Não, porque presto atenção*”), foco (“*Presumo que não. Sou bastante focado nas explicações dos professores*”) e esforço (“*Não. Tudo se baseia em ser esforçado*”).

**Gráfico 7** – Percentual de alunos acerca das dificuldades na escola

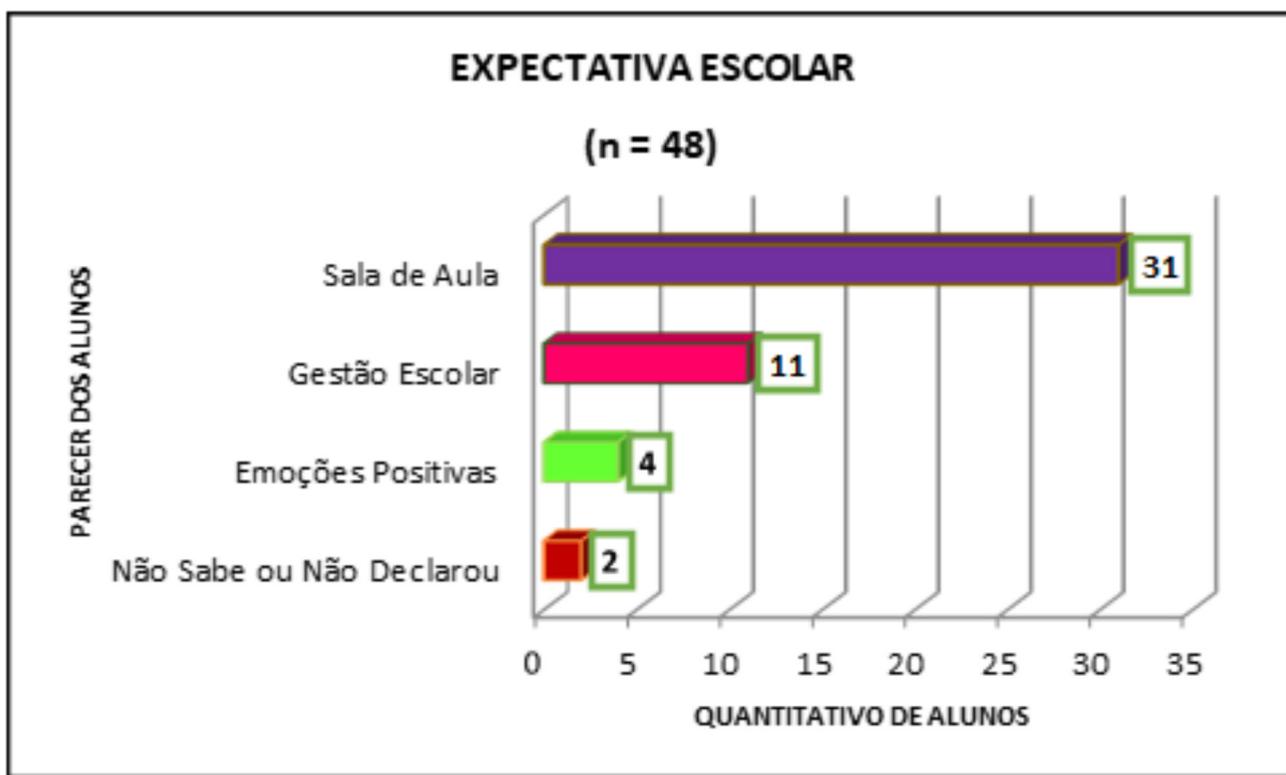


Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

A sétima e última questão “**O que Você espera da escola?**” foi elaborada com o intuito de sondar as expectativas dos alunos acerca da dinâmica cotidiana da escola. (cf. gráfico 8). O parecer dos alunos no tocante às próprias expectativas sobre a escola concentraram-se em três pilares essenciais: Sala de Aula, Gestão Escolar e Emoções. As expectativas mencionadas quanto à **Sala de Aula** (31 participantes) foram: (i) Ensino de Boa Qualidade (8 participantes) – “*Eu quero um ensino de boa qualidade*”, “*(Espero*

que saibam ensinar e fornecer estudo de qualidade; (ii) Aprendizagem Máxima (7 participantes) – “(Espero) aprender o máximo possível”; (iii) Certificado de Conclusão (5 participantes) – “(Espero por) meu certificado”; (iv) Compromisso/Dedicação (4 participantes) – “(Espero que exista) mais alunos que venham estudar de verdade”, “(Espero que tenha) mais professores comprometidos”, “Eu gosto daqui da EJA. Eu espero que esses professores que gostam de faltar, pensem mais na gente e não faltem”; (v) Conhecimento (3 participantes) – “(Espero ter) conhecimento para uma vida com mais respeito e igualdade”, “(Espero ter) uma ótima evolução nos meus estudos para meu conhecimento”; (vi) Aulas Dinâmicas (3 participantes) – “(Espero por) aulas mais dinâmicas que entretenha os alunos”, “(Espero por) aulas mais criativas”, “(Espero por) mais aulas alegres”; (vii) Aprovação Escolar (1 participante) – “(Espero) passar de ano”. No que se refere ao aspecto **Gestão Escolar** (11 participantes), as expectativas mencionadas pelos alunos foram: (i) Recursos Tecnológicos/Infraestruturais (4 participantes) – “(Espero por) uma escola com mais materiais, com mais ferramentas como videoaulas”; “(Espero por) melhorias na estrutura da escola”; (ii) Solicitação para ter uma Diretora à Noite (4 participantes) – “(Espero) que tenha uma diretora de noite”; (iii) Segurança Pública (2 participantes) – “(Espero que tenha) mais segurança na escola”; (iv) Organização das Turmas (1 participante) – “(Espero) que filtrem melhor os alunos antes dos 30 anos quando forem colocar nas turmas”. E, por fim, o terceiro e último pilar de expectativa mencionado pelos alunos foi a necessidade de incentivo maior às **Emoções Positivas** (4 participantes): esperança (2 participantes – “(Espero) só coisas boas da escola”), empatia (1 participante – “(Espero que haja) Mais compreensão de quem tem a vida corrida (trabalha) e não tem tempo de estudar ou até mesmo às vezes, quando falta, por causa do cansaço”) e superação (1 participante – “(Espero ter) um bom retorno para a vida através dos estudos”) foram emoções apontadas como extremamente essenciais para os relacionamentos intra- e interpessoais. Para concluir a análise dessa questão, 2 participantes não sabiam ou não declararam suas expectativas acerca da vivência escolar.

**Gráfico 8** – Parecer dos alunos sobre os fatores de repulsa na vivência escolar



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

Tomando por base o arcabouço teórico e a constatação analítica dos dados apresentados assevera-se a importância da ressignificação das práticas didático- pedagógicas do docente, bem como a necessidade do fortalecimento da relação professor-aluno com vistas a proporcionar uma formação cidadã plena e uma condição de melhoria na qualidade de vida dos educandos. A heterogeneidade na sala de EJA é concebido como um enorme desafio para o professor, a começar pelo fator idade: a disparidade etária provoca conflitos geracionais de identidade, de cultura, de comportamento, de visão de mundo, dentre outros aspectos. Se não houver tentativas de conciliação entre esses grupos etários distintos, o ambiente de sala de aula corre o risco de ser pouco propício para um processo de ensino-aprendizagem harmônico, amistoso e satisfatório: na realidade, dependendo da forma como se lida com a situação, o ambiente escolar pode se transformar num verdadeiro caos de incompreensão e de falta de diálogo.

No tocante à questão disciplinar, uma das principais dificuldades que interferem no trabalho escolar da atualidade, Aquino (1996) declara que a alternativa mais plausível para vencer essa barreira centra-se na relação professor-aluno: ambos devem atuar como parceiros de um mesmo jogo (num vínculo cotidiano e gradativo) e juntos devem vencer um grande rival em comum: a ignorância (e o conformismo advindo dela).

Diante dos aspectos apresentados até o presente momento, corrobora-se com a perspectiva pós-crítica de Silva (1999): o ensino deve desconstruir certas dimensões sociais estruturantes para que a valorização das diferenças possa se instituir de maneira real e efetiva. Dessa forma, é imprescindível conceber o sujeito na sua pluralidade como o responsável por construir seus significados culturalmente por meio da indução dos educandos à reflexão sobre a relação poder-saber que repercute diretamente na construção de identidade. Além disso, é de suma importância instigá-los a questionar não o que é verdadeiro, mas como certo aspecto cristalizou-se como verdadeiro na realidade social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa possibilitou a construção de um panorama que permitiu encarar a problemática da juvenilização na EJA de forma mais holística. Cada um dos tópicos abordados no questionário (motivações, reprovações, desistências, apreciações, repulsas, dificuldades e expectativas), em consonância com a literatura, apontaram para um fator primordial de indução para esta condição: a Exclusão Social. O ingresso precoce de jovens de baixa renda no mercado de trabalho, com vistas a um futuro profissional mais promissor, tem os empurrado cada vez mais para a EJA: trabalhar e estudar exige um enorme e contínuo dilema que é o de resistir estudando, mesmo em meio à todas as condições desfavoráveis.

Na escola, o palco principal é a sala de aula na qual o fazer docente (permeado por contínuas ressignificações de cunho didático-pedagógico) seja estabelecida de modo a contemplar os alunos em suas especificidades, fortalecer os vínculos de respeito, amizade e afetividade e, só assim, cooperar para torná-los sujeitos autônomos e expressamente ativos no processo de construção sociohistórica. Aliado a isso, é necessário que o fazer estatal, com ações políticas efetivas, também faça a sua parte. O fazer docente em ação conjunta com o fazer estatal precisam unir todos os esforços necessários para combater o Fracasso Escolar, um dos fatores que mais desmotivam os alunos no cenário escolar.

A identificação de certos aspectos estruturantes na sociedade e que precisam ser ressignificados em sala de aula é o primeiro passo para a inclusão efetiva e equitativa desses jovens. A beleza da presente pesquisa é fomentar a discussão sobre a necessidade de encarar o jovem da EJA como um ser que precisa ser considerado em suas múltiplas facetas e despidido de quaisquer preconceitos pré-construídos. Afinal, é o aprimoramento constante de um olhar holístico e integral dos profissionais da educação e pesquisadores sobre esse fenômeno da juvenilização que permitirá a propositura de estratégias para um ensino, de fato, crítico-constructivo.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, A., & Corso, A. M. (2015). A Educação de Jovens e Adultos: aspectos históricos e sociais. *Anais do XII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE* (pp.1283-1299). Paraná: PUCPR. [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22753\\_10167.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22753_10167.pdf)
- Aquino, J. G. (1996). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus.
- Carvalho, R. V. (2009). A Juventude na Educação de Jovens e Adultos: uma categoria provisória ou permanente?. *Anais do IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia* (pp.7803-7815). Paraná: PUCPR. [https://educere.bruc.com.br/cd2009/pdf/2937\\_1947.pdf](https://educere.bruc.com.br/cd2009/pdf/2937_1947.pdf)
- Furtado, Q. V. F. (2015). Em busca do jovem da EJA: da sala de aula aos corredores da escola... Quem são eles?. In: . *Jovens na Educação de Jovens e Adultos: produção do fracasso e táticas de resistência no cotidiano escolar* (Cap. 2, pp. 91-141). João Pessoa: CCTA/UFPB.
- Miranda, L. C. P., Souza, L. T. & Pereira, I. R. D. (2016). A trajetória histórica da EJA no Brasil e suas perspectivas na atualidade. *Anais do Seminário de Iniciação Científica – SIC* (pp. 1-3). Montes Claros: IFNMG. <https://www.ifnmg.edu.br/arquivos/2016/proppi/sic/resumos/e4e0c388-a724-45cb-8189-46e3a70afa64.pdf>.
- Pais, J. M. (2003). *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Paiva, V. P. (1983). *Educação Popular e Educação de Adultos*. 2. ed. São Paulo: Loyola.
- Silva, F. V. (2017). *Uma breve discussão sobre quem são os sujeitos da EJA e quais suas expectativas na sala de aula*. João Pessoa: UFPB.
- Silva, T. T. (1999). *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Vieira, M. C. (2004). *Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos. v. 1: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil*. Universidade de Brasília, Brasília.